



Elizabeth Catoia Varela

Curadora da Pesquisa e Documentação MAM RJ

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ

MAM: sua história, seu patrimônio

Em abril de 2013 foi inaugurada, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM RJ, uma exposição permanente sobre a história da instituição. Este texto tem por tema essa exposição. Contudo, a fim de melhor entender questões específicas sobre ela faz-se necessário o entendimento de como funcionam as coordenadorias que constituem o Museu.

O MAM RJ é composto por três coordenadorias: Artes Plásticas, Cinemateca e Pesquisa e Documentação. A coordenadoria de Artes Plásticas é aquela que, através de seu curador, propõe as exposições do Museu e também avalia e decide se o Museu sediará exposições externas. O departamento de museologia, que é responsável por salvaguardar as obras do acervo também faz parte dessa coordenadoria. A Cinemateca é responsável por fazer a curadoria das suas mostras, além de deter o arquivo de filmes e também o arquivo documental de cinema. A Pesquisa e Documentação é responsável pela biblioteca de artes visuais, pelo arquivo de artes visuais, pela atividade de pesquisa interna e pelo atendimento a pesquisadores externos.

A constituição da coordenadoria de Pesquisa é bastante específica. Tem como coordenador um profissional com formação em História da Arte, assim como seu pesquisador. No MAM RJ, este coordenador possui o título de curador, para que seja equiparado aos outros dois dirigentes das outras coordenadorias e também pelo fato de poder realizar curadorias utilizando-se do seu acervo específico (arquivo e biblioteca). A bibliotecária e o arquivista estão subordinados ao historiador e, completando a equipe, contamos também com um museólogo e um auxiliar de biblioteca. Desta forma, a biblioteca de arte é gerida por um bibliotecário que trabalha junto a um historiador da arte e, da mesma forma, o arquivo.

Voltando aos motivos que nos suscitaram a idéia de realizar essa exposição, já havia algum tempo que nos questionávamos sobre o público do Museu. Por estarmos em um prédio emblemático do modernismo no Brasil, além de estarmos nas

programações culturais da cidade, também aparecemos nos guias de turismo, devido à magnitude do prédio. Nossa sede está localizada no Aterro do Flamengo, já por si só outro ponto turístico. Esses dois dados já são suficientes para sabermos que parte do público que nos visita não necessariamente tem interesse em arte moderna e contemporânea, mas no entorno do museu ou em sua arquitetura.

Em uma rápida avaliação, podemos pensar no público que vem ver exposições de arte, ou aqueles que vêm por seu interesse em arquitetura ou, mais especificamente, arquitetura moderna no Brasil, aqueles que vem visitar o parque e procuram um momento de lazer, o público específico de cinema que vem ver as mostras e os turistas que fazem os roteiros indicados pelos guias de viagens. Desta forma, o público que busca arte ou cinema teria suas aspirações saciadas, contudo não existia um espaço específico e permanente no Museu que tratasse de si próprio, deixando aqueles que se interessam pelo prédio e por nossa história sem informação. A partir destas considerações, foi realizado um projeto e encaminhado para o Presidente do Museu a fim de propor uma exposição permanente que sanasse tais demandas.

Os objetivos expostos no projeto eram: possibilitar ao visitante o contato e aprendizado sobre a história do MAM RJ; revelar a trajetória do Museu - sua arquitetura, seus presidentes e acontecimentos de relevância artística nacional; dar suporte informativo, de caráter histórico, à maquete do Museu – contextualizá-la; e expor os prêmios recebidos.

Nessa época, a maquete do Museu ficava no térreo, de frente para a bilheteria, e próximo a ela havia um painel no qual constava uma lista com nomes sob o título de *Agradecimentos*. A etiqueta da maquete informava dados sobre a peça, porém não sobre o projeto. Devido a esse uso não contextualizado e ausente de informações, era comum alguns visitantes perguntarem ao segurança se o Museu havia sido projetado por Oscar Niemeyer. Ao responder que o arquiteto era Affonso Eduardo Reidy, algumas pessoas não acreditavam e contestavam tal informação, então o segurança mostrava o nome do arquiteto que fica registrado numa placa de metal em um dos pilares do Bloco de Exposições. A maquete e o nome do arquiteto eram as únicas informações disponíveis para o visitante.

Iniciamos o trabalho de pesquisa necessário para a mostra tratando as cronologias que seriam expostas: uma explicaria a construção do prédio e outra divulgaria a lista de presidentes ao longo dos anos. Revelando as motivações iniciais e



abordando todo este material informativo, redigi o texto de apresentação que seria reproduzido no painel. Devido à farta produção de peças gráficas de divulgação e catálogos de exposições, decidimos selecionar mostras individuais, principalmente as retrospectivas, e, dentre as coletivas, aquelas que considerávamos mais relevantes no cenário artístico brasileiro ou catálogos de mostras comemorativas. Paralelamente a estas escolhas, decidimos divulgar alguns assuntos sobre os quais o Museu em determinadas épocas dava bastante visibilidade, como as exposições de trabalhos realizados nos cursos infantis do próprio MAM RJ e, posteriormente, dos cursos de gravura (para adultos). Outra série de catálogos revela os inúmeros salões sediados pelo Museu: *Salão Nacional de Arte Moderna*, *Salão Nacional de Artes Plásticas*, *Salão Esso*, *Salão de Abril*, *Salão de Verão*, *Salão da Bússola* e *Resumo JB*, dentre outros. Mais à frente, aparecem folders padronizados e coloridos dos jovens artistas que expuseram na Área Experimental.

A exposição também foi composta por um vídeo editado por Fabio Ghivelder e Gilberto Santeiro, em 2003, e que hoje faz parte do acervo da Cinemateca. O vídeo divulga imagens de época, durante a construção do Museu, e uma visita de Juscelino Kubitschek. Devido à disponibilidade de espaço, optamos por expor o máximo possível de peças gráficas ou catálogos realizados pelo Museu e a idéia inicial de expor os prêmios recebidos foi descartada. Ainda assim, este foi um pequeno recorte dentro de um vasto conjunto de mais de 1.400 exposições que fazem parte da nossa história.

Para o catálogo da mostra, excetuando os textos de apresentação e o texto sobre a Cinemateca, optamos por também trazer textos de época. Assim como expusemos nossa trajetória através de itens do nosso acervo, falaríamos de nossa história através dos textos já publicados, e por isso, realizamos um levantamento através de catálogos, boletins e periódicos.

Da primeira exposição realizada pelo Museu, *Pintura européia contemporânea*, em 1949, tivemos contato com a introdução do catálogo escrita por Raymundo de Castro Maya, no qual ele esclarece que:

Este Museu representa uma necessidade para nós, a fim de incutir no público o gosto pela Arte Moderna, ou melhor, educá-lo, a fim de compreender, ou

pelo menos admitir, que os artistas de hoje não são mistificadores, mas procuram interpretar nas suas obras o que realmente sentem.¹

Noutro catálogo de 1952, o texto de Mário Barata trata de questões já explícitas pelo próprio título, *Razões de ser e importância do Museu de Arte Moderna* e, para tal, explica que “*torna-se necessário um retrospecto do que é arte moderna e do que é museu numa changing society*”². O autor escreve sobre a arte moderna, seu valor e necessidades de um museu moderno no Rio de Janeiro. É interessante ter contato com a perspectiva de Barata naquela época, já prevendo como a arte que lhe era contemporânea se tornaria um conjunto tão sólido e embasado para as futuras gerações:

A partir de 1930 as palavras *moderno* e *modernista* venceram em toda a linha, passando a designar o conjunto de movimentos heterogêneos, às vezes contraditórios, que se sucederam desde o impressionismo. Essa arte, que é a do nosso tempo, a das nossas inquietações e alegrias, será vista dentro de cem anos como uma unidade e julgada sem as paixões que hoje a acompanham.³

Através do catálogo, tivemos a oportunidade de divulgar novamente textos que estavam acessíveis apenas através de pesquisas. Apesar de relevantes, eram pouco difundidos. Em contrapartida, para contextualizar e fazer entender nosso conjunto arquitetônico e paisagístico, dois textos já bastante difundidos voltaram a ser lembrados, *O plano arquitetônico do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, redigido por Affonso Eduardo Reidy, e *Os jardins do Museu*, por Roberto Burle Marx.

Relendo nossos textos, percebemos como pensar sobre o próprio museu e sua função era uma recorrência em seus anos iniciais. Tal exercício se fazia presente na mente daqueles que haviam proposto um museu e tinham a tarefa de torná-lo realidade. No Boletim de 1957, o primeiro texto que inicia a publicação se intitula *O Museu e suas*

¹ MAYA, Raymundo de Castro. Introdução. In: MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. *Pintura européia contemporânea*. Rio de Janeiro, 1949. p. 2. Catálogo.

² BARATA, Mário. Razões de ser e importância do Museu de Arte Moderna. In: MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1952. p. 4. Catálogo.

³ BARATA, Mário, op. cit.

finalidades, e é interessante ler com nosso olhar contemporâneo o que, para aquela geração, seria o foco do Museu:

Além da tarefa de aproximar o homem da arte que lhe é contemporânea, desempenha o Museu a função de congregar o espírito de pesquisa (em campo paralelo ao da investigação científica) e se torna, assim, o mais fecundo terreno em que se pode despertar e disciplinar à atividade criadora do homem moderno.⁴

Considerando-se os inúmeros catálogos de exposições de crianças expostos na mostra, selecionamos o texto *Arte infantil* de Mario Pedrosa. Da mesma forma, utilizamo-nos de uma citação de Reynaldo Roels Jr., ex-curador do Museu, sobre o *IX Salão Nacional de Artes Plásticas*, realizado em 1986, no Palácio Gustavo Capanema, que bem exemplifica a importância dos salões naquela época. Mesmo que este Salão especificamente tenha sido realizado fora do Museu, outras sete edições do SNAM, foram sediadas pelo MAM RJ, como inúmeros outros salões. Segundo Roels:

Os principais argumentos em favor de sua realização, a despeito de ser um anacronismo, são dois. O primeiro é o de que o Salão é um espaço efetivo para o aparecimento de artistas iniciantes ou de artistas de estados em que não há canais de circulação efetivos para sua obra. De fato, em um país onde até mesmo os grandes centros (leia-se: Rio e São Paulo) apresentam um sistema de arte ainda incipiente e altamente competitivo, transformando-se em quase um jogo de cartas marcadas, o Salão pode de fato desempenhar o papel de foco divulgador. (Pode, mas não o faz necessariamente). Além disto, o Salão pode ser um veículo para incentivar, através de seus prêmios, artistas que se veem destacando ao longo do tempo.⁵

⁴ O MUSEU e suas finalidades. *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n.15, [p. 1], jan. 1957. Boletim.

⁵ ROELS, Reynaldo. Salão para quê? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1986. Caderno B, p. 7.

Dando suporte aos catálogos da Área Experimental, reproduzimos também uma citação de Paulo Herkenhoff, proveniente de uma matéria contendo depoimentos sobre este assunto publicada na revista *Malasartes*.

De uma publicação sobre o Museu realizada em 1967, reproduzimos uma explicação e imagens sobre como eram dispostos os módulos no qual se fixavam os quadros nas exposições. Estes painéis removíveis haviam sido projetados por Karl Heinz Bergmüller e revelam como se montava a museografia daquela época. Por fim, solicitamos a contribuição do conservador-chefe da Cinemateca para escrever um texto sobre a trajetória da mesma. Encerrando o catálogo, publicamos uma fotografia de toda a equipe MAM RJ, pois acreditávamos que é importante o visitante ter ideia de quantas pessoas estão envolvidas nesse trabalho e a foto da equipe seria uma forma de dar a ver e quantificar os profissionais por trás da instituição que era retratada na exposição.

MAM: sua história, seu patrimônio foi para nós uma experiência diferente das nossas tarefas cotidianas dentro da Pesquisa e Documentação MAM RJ. Lidamos diariamente com a documentação, a fim de suprir nossas demandas e os pesquisadores especializados com as fontes necessárias. Desta vez, no entanto, exercitamos um outro olhar, de como utilizar o documento para contar uma história, para ser visto de forma mais panorâmica porém contextualizada, construindo uma narrativa, pois, apesar das mais de 12.000 obras salvaguardadas pelo MAM RJ, nossa história ali é também apresentada como nosso patrimônio.

REFERÊNCIAS -

- *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1986. Caderno B, p. 7.
- MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1952. Catálogo.
- MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. *Pintura européia contemporânea*. Rio de Janeiro, 1949. Catálogo.
- *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n.15, [p. 1], jan. 1957. Boletim.